

# A DINÂMICA DUAL NO CONTEXTO DA GEOGRAFIA CLÁSSICA

Lineu Aparecido Paz e Silva<sup>36</sup>

**Resumo:** Os fundamentos filosóficos deram embasamento ao contexto histórico da dualidade na modernidade através das obras de Carl Ritter e Alexandre Humboldt, que foram os fundadores clássicos da geografia. De início, a ciência geográfica era representada por autores de cunho determinista. O significado deste é considerado tão antigo quanto ao ato de se pensar e refletir sobre as diversas concepções científicas e as suas raízes são, de certa maneira, inconscientes à linguagem e ao pensamento. No século XVIII, existia uma forte identidade entre o pensamento científico e a dedução determinista, e esta abordagem considera que todo acontecimento ou estado é o produto direto de causas externas atuantes. A escola francesa recebeu influência de Kant pelo racionalismo buscando a essência dos elementos constituintes no meio e a experiência através da fenomenologia. Paul Vidal De La Blache elabora, ideologicamente, a construção de um novo paradigma geográfico, propondo a ideia regional através da paisagem como integração e síntese dos aspectos humanos e naturais, realizando a integração homem e natureza numa perspectiva humanística perante à Geografia. Geógrafos como Schaefer, Hatshorne e Sauer abordam novas técnicas e metodologias aplicadas à Geografia, diferente das práticas anteriores na história da ciência geográfica tradicional.

**Palavras-Chave:** Geografia Tradicional, Determinismo, Possibilismo, Renovação.

## DUAL DYNAMICS IN THE CONTEXT OF CLASSICAL GEOGRAPHY

**Abstract:** The philosophical foundation gave the historical context of duality in modernity with the works of Carl Ritter and Alexander Humboldt, the founders of classical geography. In the beginning, geography was represented by determinist authors. To some authors and great thinkers of science the meaning of determinism is considered as old as the act of thinking and reflecting on the various scientific concepts and their roots are somewhat unconscious language and thought. In the eighteenth century there was a strong identity between scientific thinking and deduction deterministic, and this approach consider that every event or state is the direct product of external causes acting. The French school was influenced by Kant, by rationalism seeking the essence of the elements of the environment and experience through phenomenology. So Paul Vidal de la Blache, ideologically prepares to build a new paradigm geographic proposing the idea of landscape as through regional

---

<sup>36</sup> Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia-PPGGEO da Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: lineuprofgeo@hotmail.com

integration and synthesis of the human and natural performing the integration of human and nature, with a view towards humanistic geography. Geographers as Schaefer, and Sauer Hatshorne address new techniques and methodologies applied geography, different from past practice in the history of geographical science tradition.

**Keywords:** Traditional Geography, Determinism, Possibilism, Renovation.

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como finalidade principal discutir a respeito das principais características da geografia moderna e o seu surgimento no cenário científico na Alemanha que foi caracterizada pelo desenvolvimento do sistema capitalista neste país tendo como reflexos as suas devidas discussões e os desdobramentos do discurso geográfico na França com o embate de idéias no fim do século XIX e os discursos posteriores no século XX com ideias novas para a sistematização da ciência geográfica.

A sistematização da geografia moderna teve a contribuição principal de dois autores, sendo eles com a análise epistemológica integrado com a ciência e a sociologia, mas preservando a perspectiva do naturalismo e da paisagem e posteriormente contou com a contribuição de Ratzel e Vidal de La Blache, este último, fazendo um discurso de oposição as ideias alemãs, mas não rompendo definitivamente com o naturalismo na concepção de objeto da geografia.

A partir do início da segunda metade do século XX, levaram inúmeros estudiosos (pesquisadores) a refletir e buscar novas possibilidades teóricas e metodológicas, três geógrafos se destacaram neste aspecto com grande relevância para a ciência geográfica: Sauer, Hartshorne e Schaefer, estes marcaram o início da renovação da ciência geográfica.

No século XX já se via uma ponte entre a Geografia clássica e moderna, procurando uma sistematicidade e objetividade ultrapassada pela descrição atingindo a análise de ciência adotando o conceito de região (corológico), reunindo o campo de pesquisas físicas e humanas.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Para a realização deste trabalho foi realizado um estudo bibliográfico de algumas das principais obras relacionado ao contexto da geografia no século XVII, XIX e XX. A base foram os principais autores que retratavam detalhadamente as principais características do

contexto dual da geografia da época envolvendo discussões acerca do determinismo, possibilismo e os discursos posteriores no século XX.

Alguns artigos e livros destacam autores da geografia moderna e servem de referência para estudo nessa temática em questão e em especial o livro “Geografia e Modernidade” de Paulo Cesar Gomes (1996) e o livro “A gênese da geografia moderna” de Antonio Carlos Robert Moraes (2002). A trilogia. O pensamento geográfico Brasileiro de Ruy Moreira (2011).

Em virtude disso, houve um estudo aprofundado sobre esta temática em questão e uma comparação da visão de diferentes autores sobre o contexto na geografia moderna envolvendo várias questões e discussões a respeito do objeto de estudo da geografia, do determinismo, do possibilismo, da escola alemã de geografia, da escola francesa de geografia e dos desdobramentos pós-determinismo e possibilismo no século XX.

Foi utilizado como método de investigação a pesquisa teórica com abordagem reflexiva sobre os fatos e fenômenos ocorridos no contexto da geografia clássica, efetuando a análise sobre os teóricos da geografia moderna. A pesquisa bibliográfica, teve com objetivos de analisar a dinâmica dual no contexto da geografia clássica e também fornecer informações gerais sobre a temática em questão.

Sposito (2004) afirma que, existem alguns cuidados necessários para se interpretar um texto porque, dado o assunto que nos propomos estudar relativos ao conhecimento pode nos deparar com diferentes situações que nos levam a situações de interpretação para que possamos saber qual o melhor tipo de abordagem de investigação, e o método tem relação direta com a interpretação de textos em virtude da grande quantidade de obras publicadas.

Sendo uma abordagem predominante qualitativa, preocupou-se com a compreensão e interpretação significativa dos fenômenos geográficos ocorridos na geografia clássica. Apresentando um raciocínio de forma assim que contribua para o conhecimento.

## **OS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA GEOGRAFIA CIENTÍFICA**

Os fundamentos filosóficos que deram embasamento ao contexto histórico da dualidade na modernidade se deram através das obras de C. Ritter e A. Humboldt, dois pensadores clássicos da geografia. O objetivo da geografia nesse momento foi à reutilização dos conhecimentos antigos, os corrigindo e adequando as exigências do discurso científico daquela época.

O rompimento da ordem medieval e o surgimento do período da renascença marcou a existência da dualidade dentro da ciência geográfica, houve a substituição do modelo geocêntrico por um modelo cosmológico (ramo da astronomia que estuda a evolução do universo de modo geral). Segundo Gomes citado por Numa Broc (1996) caracteriza esse momento como sendo a redescoberta de filósofos e estudiosos, como o caso de Ptolomeu e Estrabão, que delimitaram essa dualidade respectivamente como o primeiro geografo-matemático, com um modelo cosmológico, o segundo histórico-descritivo e corógrafo.

## **OS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E OS ANTECEDENTES DE UMA GEOGRAFIA CIENTÍFICA**

A relação homem-natureza era o tema central da discussão dos filósofos, a qual Gomes (1996, p.132) diz que estas reflexões em relação ao homem-natureza eram ainda de ordem muito geral e continham problemáticas muito diferentes que, por sua diversidade, não permitiam reconhecer a especificidade do domínio disciplinar geográfico.

Neste contexto, houve o surgimento de diversas concepções e abordagens que deram ênfase a dualidade geográfica, com base nesta relação supracitada. Por isso, Gomes (2010) utiliza-se das afirmações de Broc e May quanto à existência do dualismo na geografia. Para Broc o dualismo pendurou sobre a cosmografia que privilegia a matemática, o conhecimento geral e científico, e a corografia que é basicamente humanista, que tem como método a descrição regional. A dualidade se faz presente nas seguintes visões: a primeira fundamentada nas concepções de Erastóstenes que é matemático-cartografo, e a segunda baseada nas teorias de Estrabão. Entretanto, as palavras de Gomes (1996, p. 136), reduzem o significado expresso das afirmações supracitadas, enfatizando que:

As diferentes abordagens dão ênfase ao modelo geográfico que: de um lado, o rigor de um determinismo que submete o homem à lei comum; de outro, uma exigência idealista de justiça e de felicidade, a crença na autonomia da vida moral, uma reivindicação da dignidade humana, que se acredita estar igualmente inscrita na natureza.

Observamos, que as discussões e afirmações dos filósofos mesmo que colocadas e expressas de maneiras distintas, apresentam ao fim o mesmo sentido e objetivo que é demonstrar a dualidade que se faz presente no contexto da geografia.

## **A DUPLA FILIAÇÃO FILOSÓFICA FUNDADORA: KANT E HERDER**

As abordagens de Kant e Herder deram sustentação aos debates sobre a dicotomia presente na ciência geográfica. A maioria dos geógrafos atribuem a importância de Kant, através de suas obras que auxiliaram a definição do papel e do valor da geografia. Herder teve o seu valor nessa fase, pois além de ter sido aluno de Kant no curso de geografia física, escreveu uma síntese, a qual não foi aprovada por Kant.

Dessa maneira, descrevemos alguns fatos que marcaram essa dupla filiação. O primeiro a utilização do método de classificação das ciências proposto por Kant e utilizado por Hartshorne, onde se iniciou uma justificativa para a destinação entre os dois tipos de geografia. Porém, outro fato que marcou foi as críticas aos fundamentos de Kant, que afirmaram ser sem fundamento a descrição da ciência regional utilizada por Hartshorne, pois afirmam que para a legitimidade de uma ciência é necessário uma explicação objetiva e generalizada das coisas.

Neste sentido, Herder deu sua contribuição, conhecido como hermenêutico e romancista, escreveu contrariando as ideias dos filósofos franceses do século XVIII, que eram racionais ao extremo, utilizou a filosofia histórica centrada nas culturas nacionais. Escreveu sobre dois posicionamentos, o primeiro baseado na “teoria do lugar próprio”, que estudar as particularidades dos indivíduos nos seus contextos geográficos e históricos, e o segundo com um caráter global onde a reflexão busca a diversidade existente na relação homem-natureza.

## **A EMERGÊNCIA DA DUALIDADE NO DISCURSO DOS FUNDADORES DA GEOGRAFIA MODERNA**

A emergência no âmbito da geografia se deu a princípio a ausência de segmentos no seio dessa ciência, o qual a impossibilitava a análise e reflexão de determinados temas particulares. Estava ligada apenas nas narrativas de viagens que eram até então a única forma que delimita o papel da geografia perante a sociedade. Por isso, a necessidade de se escrever uma campo específico, que tenha como objetivo a sistematização das informações, controle e regulamento das produções.

Dessa maneira, a geografia começou a experimentar e estabelecer um novo modelo de conhecimento científico, como meio de substituir a metafísica. Daí o surgimento de intelectuais que buscaram concepções preocupadas com o método, e a organização lógica do saber. Contudo, Humboldt foi um desses intelectuais que buscou através de suas narrativas e

obras criar um pensamento no sujeito, onde se pode tanto ser generalista como regionalista, como descrevendo os fenômenos de maneira geral e através do método da conexão os caracterizá-los de uma forma peculiar.

## **A DUALIDADE ESCREVE A GEOGRAFIA CIENTIFICA**

Gomes (1996) coloca que Humboldt em sua obra *Cosmo* marcou uma nova fase na modernidade com a forma em que a escreveu, pois buscou sistematizar e reunir trechos das narrativas de viagens e das cosmografias num só conjunto lógico. Além do uso dos conhecimentos da antiguidade clássica os transformando a essa nova realidade inserida. Contudo, percebemos a relevância desse pensador no contexto dual, pois apresenta em suas abordagens elementos a qual o inscreve a essa dinâmica.

Em cada parte de sua obra se apresentam temas apoiados nos resultados mais recentes das ciências experimentais. Humboldt consegue, assim, estabelecer entre eles laços analíticos. A importância de seu trabalho ultrapassa largamente a simples classificação, que era frequentemente a característica das cosmografias anteriores. Humboldt traça a longa marcha em direção à realização do saber geográfico e nota que alguns autores anteriores conseguiram intuitivamente se aproximar da visão moderna. (GOMES, 1996, p.158).

A obra de Humboldt proporcionou a geografia inúmeras discussões que levaram a sua sistematização. O método abordado superou as críticas e se faz presente nas idealizações. Sua postura ideológica serviu de exemplo e base para outros pensadores que adotaram a sua concepção como meio de auxiliar a geografia na sua legitimação.

## **A CIÊNCIA DA INTERPRETAÇÃO NA GEOGRAFIA DE CARL RITTER: UM GRANDE PRECURSOR DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA MODERNA**

Dois grandes nomes da geografia surgiram como um dos fundadores da geografia moderna científica na Alemanha (conhecida na época como Prússia) Carl Ritter ao lado de Humboldt e os dois pretendiam estabelecer novas bases de um saber organizado para a ciência geográfica. Foi uma época que envolveu intensos debates sobre o naturalismo e a descrição das paisagens, reforçando este entendimento, Gomes (1996, p.163) afirma que “como efeito, se assistimos hoje a uma proliferação de obras de geografia, seu suporte teórico deixa a desejar, sobretudo quando comparada às ciências naturais”.

Segundo Ritter a Geografia existia na época apenas como um conjunto desordenado de dados, ou seja, descrições e coletas sem nenhuma preocupação científica, sem qualquer tipo de análise e sem a comparação devida. Seu método de interpretação procurava contextualizar a produção de textos, fazendo apelo ao maior número possível de elementos para reconstruir as condições gerais da época. Em virtude disso, Gomes (1996, p.165) menciona que:

A tarefa fundamental da ciência seria a de resgatar uma coerência metafísica a partir da organização geral da natureza, uma coerência que possa exprimir explicar todas as causalidades e fenômenos particulares que ocorrem no planeta terra.

Era uma geografia responsável pelo estudo da terra em seu conjunto e das manifestações dos diversos fenômenos sendo a disciplina capaz de estabelecer a relação lógica entre o todo e suas partes. Segundo o pensamento e a análise de Ritter, a botânica e a biologia teria uma correlação com a ordem e a harmonia da terra tomada em seu conjunto os continentes como elementos da paisagem, e na visão dele constituía o objeto primordial do estudo geográfico e que todo o trabalho de pesquisa se daria pelo exame de combinação dos elementos originais, água, fogo, terra e o ar.

Os continentes, verdadeiros indivíduos da natureza, constituem o objeto primordial do estudo geográfico. Sua personalidade e as leis que guiam o desenvolvimento estão inscritas em suas formas (a África uma eclipse, a Europa, um triângulo retângulo e as Américas dois triângulos) em sua composição material (GOMES, 1996, p.166).

As análises e estudos não tinham como objetivo descobrir novas significações e serviam apenas para legitimar uma imagem etnocêntrica já enraizada no senso comum. O tipo de determinismo desenvolvido na obra de Ritter é um exemplo de sua conduta metafísica e este se mostrou favorável à obra de colonização da Europa para com outros continentes, o que lhe deu mostras claras de eurocentrismo, ou seja, a visão de uma Europa como centro de todas as coisas e acontecimentos, e com isso, detinha todo o poder sobre o resto do mundo. Recomendava para a geografia a adoção de uma conduta moderna visando à generalização e ao estabelecimento de leis, sendo um procedimento objetivo e uniforme para definir os conceitos.

Ao analisar a obras destes dois autores precursores da geografia moderna científica, Humboldt e Ritter, percebe-se uma dualidade característica da modernidade com a presença ao mesmo tempo de posições racionalistas e de posições opostas e a dualidade presente em seus discursos foi uma das principais heranças deixadas à posteridade e o embasamento de

outros autores da geografia, contudo, essa dualidade seria uma concepção ao mesmo tempo cosmológica e regional.

No contexto geral da época o geógrafo, em uma visão naturalista, é claro, era apenas um observador da natureza que vivenciava simultaneamente um prazer estético, mas também um prazer intelectual de compreender as leis naturais. Encontra-se nestes dois autores, a valorização de um discurso científico, muito corrente em meados do século XIX.

## **O DETERMINISMO GEOGRÁFICO NO CONTEXTO DA MODERNIDADE**

Para alguns autores e grandes pensadores da ciência o significado do termo determinismo é considerado tão antigo quanto ao ato de se pensar e refletir sobre as diversas concepções científicas e as suas raízes são de certa maneira inconscientes a linguagem e ao pensamento. No século XVIII existia uma forte identidade entre o pensamento científico e a dedução determinista, e esta abordagem consideram que todo acontecimento ou estado é o produto direto de causas externas atuantes.

A ciência em sua forma determinista se propõe a tudo explicar sobre uma base lógica e o que não pode ainda figurar neste plano explicativo deve ser considerado como um desafio a alcançar. Na base dessa concepção, está a hipótese da ordem global e racional que se exprime pelas regularidades fenomenais e que pode ser compreendida pela ciência (GOMES,1996, p.177).

Uma das principais características do determinismo era a presença do positivismo e a ciência normativa regulada por leis e se constituía num instrumento de previsão e ao antecipar determinadas situações este permitiria uma ação no mundo e a ciência representava um meio fundamental de intervenção, como afirma Gomes (1996, p.178),

Em geral, a tomada de posição determinista em um domínio científico dado foi acompanhada de uma ideia de revolução na maneira de conceber a realidade. A apropriação do método e do prestígio conferidos pela certeza positivo-racionalista também ocasionou a recusa de qualquer outra maneira de interpretar a realidade.

O determinismo no século XVIII e início do século XIX nos mostram que a eclosão da “revolução científica” retomou este debate antigo, dando-lhe uma forma moderna inscrita na ciência. Sempre existiu uma oposição entre o determinismo e o possibilismo apesar de serem duas condutas científicas da geografia existe uma valorização do possibilismo em relação ao reducionismo da visão de um homem submetido às condições naturais que é o determinismo.

São exemplos de determinismo as ideias preconizadas por Montesquieu, este afirma que em lugar de leis, ele nos propõe uma leitura de signos da natureza e, desta maneira,, a



interpretação substitui a explicação. Outro exemplo de determinista foi o naturalista Charles Darwin, este afirmava que a natureza possuía uma dimensão final de ordem metafísica, mas seu interesse científico não se dirigia para a ordem final, e sim para o processo de diferenciação das espécies e das condições do meio ambiente.

No século XIX houve uma reação da cultura francesa em virtude do século das luzes e das ideias revolucionárias e de um discurso bem diferente das concepções da geografia alemã e um pensamento normativo para descrever as relações homem-meio através de ideias novas como novas tendências e novos legados.

## **RATZEL E AS SUAS INFLUÊNCIAS NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA**

A principal obra de Ratzel foi a Antropogeografia sendo uma obra muito discutida no século XIX, e este autor falava sobre as relações entre os diversos gêneros, as comunidades e os seus meios naturais, com destaque ao determinismo geográfico em seus conceitos. A análise de Ratzel descrevia vários gêneros de dinâmicas territoriais falando sobre a relação entre solo e cultura e ao estabelecimento de leis regulares explicativas, isto é, seu objetivo final era construir uma teoria espacial positiva.

Por intermédio do discurso naturalista da biologia evolucionista com ênfase na paisagem natural, Ratzel deu uma perspectiva rigorosa, objetiva e geral a geografia, permitindo-lhe, portanto, ascender ao ranking das ciências positivas modernas. (GOMES, 1996, p.186).

A geografia de Ratzel caracteriza-se pela união entre as ciências da natureza e as ciências do homem, dentro de uma perspectiva da ecologia, ou seja, sempre mencionando a questão da natureza e da paisagem, dando destaque ao determinismo dos fenômenos naturais um lugar de destaque em todas as situações relativas ao conhecimento geográfico, Gomes (1996, p. 188) enfatiza que,

Todos esses fatos explicam a razão pela qual o determinismo de Ratzel constitui um momento mítico da geografia. Todas as vezes que o tema da objetividade, do modelo racionalista ou da ciência positiva é abordado, o nome de Ratzel é invocado como sendo o fundador desta concepção.

Ao levarmos em consideração as principais características do determinismo e a análise da obra de Karl Marx observa-se, que sempre existiu uma superioridade da concepção marxista em relação ao determinismo positivista, sendo que consiste no fato que o marxismo afasta todo o aspecto místico ou religioso, e em comparação com o determinismo positivista o marxismo ofereceria uma base teórica para a compreensão realmente científica das relações

entre natureza, produção e sociedade, e o método materialista histórico é o caminho aceitável de criticar o determinismo ambientalista.

## **VIDAL DE LA BLACHE: UM CONTRADISCURSO A GEOGRAFIA ALEMÃ E UM CRUZAMENTO DE INFLUÊNCIAS**

A escola francesa recebeu influência de Kant, pelo racionalismo buscando a essência dos elementos constituintes no meio e a experiência através da fenomenologia. Assim Paul Vidal De La Blache elabora ideologicamente a construção de um novo paradigma geográfico. Propõe a ideia regional através da paisagem como integração e síntese dos aspectos humanos e naturais realizando a integração homem e natureza numa perspectiva humanística perante a Geografia. No contexto Moreira afirma:

A Geografia de Kant conhece é um agregado de conhecimentos empíricos de todos os âmbitos, organizados em grupos de classificação, uma taxonomia do mundo físico, no sentido aristotélico do termo, e por isso designada de Geografia Física. Essa taxonomia é trazida na forma de grandes paisagens da superfície terrestre, recortando-a em pedaços de espaço que fazem dela uma ampla corografia. (2011,v.01, p. 14).

A ideia determinista de Friedrich Ratzel é contestada como a única reguladora do modo de vida do homem através da perspectiva possibilista remetendo o homem como agente pensador de várias maneiras diante do meio. O conceito de possibilismo justifica-se pelo meio sujeito a uma força de transformação extremamente poderosa a ação humana com os outros elementos do meio, o homem age sobre o meio ambiente ao mesmo tempo em que sofre sua ação.

Para Vidal De La Blache, o homem depende da natureza para sobreviver, utilizando-se da sua engenhosidade para tirar proveito de possibilidades que ela oferece. Os aspectos físicos e humanos por meio do estudo regional são afirmados, mas Vidal não nega o homem dependente da natureza na sua totalidade. O conceito de gênero de vida é incorporado à ciência geográfica se definindo como o resultado de influências naturais (físicas), históricas e sociais, presentes na relação do homem ao meio, tais manifestações são passadas ao longo do tempo nas gerações humanas transmitindo identidades culturais diversas pelo globo.

Existia, pois, um Vidal “positivo” que afirmava que a Geografia era uma “ciência que analisa, classifica e compara” e que, muitas vezes, esteve bem próximo a um certo determinismo racial, o qual, mesmo não tendo verdadeiramente uma função explicativa no conjunto da sua obra, teria podido, todavia, se desenvolver no seio de suas interpretações.( GOMES, 1996, p.215).

O possibilismo surge em confronto ao determinismo ambiental alemão de Ratzel, a escola francesa focaliza as relações entre o homem e meio natural, não negando a natureza é claro. Vidal admitia que o meio exercia influência sobre o homem, mas o homem é mestre da natureza, dependendo das condições técnicas e recursos próximos, exerceria influência sobre o meio, portanto, a técnica é transformadora da natureza para atender os objetivos e necessidades humanas.

A principal obra de Vidal princípios de geografia humana (1922), dividido em três partes: a distribuição dos homens, as formas de civilização e a circulação. Nesta obra Vidal exprime o papel da contingência, gênero de vida, áreas laboratórios, formas de civilização, habitat, arranjo do espaço, força espacial da circulação e integração espaço mundial. De acordo com Gomes (1996, p.210),

A descrição era o esclarecimento dos fatores responsáveis por cada paisagem. A descrição “seletiva” dos aspectos mais importantes e de seus movimentos continha já os germes da explicação. Vidal não propõe um modelo descritivo fixado de uma vez por todas. “A descrição geográfica deve ser flexível e variada como seu próprio objeto”.

A partir do início da segunda metade do século XX, pós-segunda guerra (1939-1945), principalmente ao surgimento de novas tecnologias, mudanças bruscas e dinâmicas da sociedade mundial levaram inúmeros estudiosos (pesquisadores), a refletir e buscar novas possibilidades teóricas e metodológicas. Assim os aportes tradicionais e o positivismo não respondiam mais a necessidade do novo mundo pós-guerra, assim, surgindo a necessidade de romper com paradigmas tradicionais.

Entre 1950-1970, a Geografia clássica chega ao fim de seu auge e prestígio. Esse momento de transformações coincide com a entrada da sociedade moderna numa fase de caráter industrial e forte presença do Estado no planejamento espacial, avançando ainda mais as relações capitalista de produção. As ciências como a física, biologia e psicologia remetem novas formas de abordagem além do positivismo, dando lugar a um novo racionalismo chamado de neopositivismo. Contudo, três geógrafos: Sauer, Hartshorne e Schaefer marcam o início da renovação da ciência geográfica.

Esse momento de euforia e crise coincide com a entrada da sociedade moderna numa fase de acentuado caráter industrial e forte presença do Estado via planejamento dos seus espaços, características estas que numa certa generalidade todas as sociedades adquirem no período do pós-guerra, avançando sobre todas as economias e empurrando o capitalismo para um desenvolvimento em escala mundial. (MOREIRA, 2011, p. 11).

Sauer através da sua obra *Morphology of Landscape* implementa um novo método questionando a praticidade da escola geográfica norte americana fundada no determinismo e paisagismo natural, assim como a separação entre Geografia Geral-Regional/ Físico-Humano e ausência de método objetivo. Sua obra afirma que toda ciência só adquire autonomia e identidade pela escolha de um único objeto e método (paisagem). Os elementos que contribuiriam para constituir essa unicidade metodológica seriam: síntese regional pelas diferenças de áreas por meio da paisagem.

O livro *Natureza da Geografia* de Richard Hartshorne (1978) foi influenciado pelas transformações metodológicas da renovação da geografia na década de 1950, na sua obra ele demonstra que desde Kant, Humboldt e Ritter, a Geografia sempre adotou o estudo de diferença de área (regional), na qual diferencia a Geografia de outras ciências, promovendo a distribuição espacial dos fenômenos caracterizando unidades regionais, obtendo-se as particularidades.

Richard Hartshorne (1978) buscava na influencia kantiana a separação entre o Geral e o Regional, seu estilo metodológico é influenciado por Alfred Hettner, da escola alemã de formação neokantina. A Geografia não se enquadra as ciências naturais, e todas as disciplinas devem adotar os métodos nomotéticos e idiográficos. Era crítico ao modelo de paisagem de Sauer e produziu uma ponte entre a Geografia clássica e moderna, procurando uma sistematicidade e objetividade ultrapassada pela descrição atingindo a análise de ciência adotando o conceito de região (corológico), reunindo o campo de pesquisas físicas e humanas. De acordo com o método de Hartshorne, Moreira (2011, p.129) relata,

Ficam, assim, diz Hartshorne, caracterizado a unidade da heterogeneidade, o ponto de vista corológico e o método comparativo como os traços distintivos do perfil e do método da Geografia. E que põem o problema de como dar conta da heterogeneidade num ponto de vista corológico por meio do método da comparação.

Fred K. Schaefer em *o excepcionalismo na Geografia: um estudo metodológico* põe em questão o caráter científico da Geografia então produzida nos Estados Unidos.

Schaefer concebe o excepcionalismo como uma herança kantiana. Kant, diz ele, vê a Geografia como uma ciência de síntese, feita por intermédio do espaço, gêmea e ao lado da História, que faz a síntese por meio do tempo. Assim, a Geografia seria diferente- como ele, só a História- de todas as demais ciências, todas analíticas. (MOREIRA, 2011, p.12).

Assim, Schaefer contesta o modelo proposto anteriormente por Hartshorne em que os tratamentos singulares dos fenômenos remetem a uma postura da Geografia tradicional, os

geógrafos devem abandonar posturas idiográficas rompendo com atitudes históricas, pois apenas descreve e não explica a essência completa dos fenômenos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através da análise deste trabalho fica evidente que a utilização de conhecimentos anteriores contribuiu para a sistematização e o desenvolvimento da geografia científica. A busca de um objeto de estudo serviu para um embasamento para estudos e discussões posteriores na ciência geográfica.

Na realidade a geografia passou por um momento de redescoberta que culminou em obras de grandes autores que mesmo com um caráter já bastante modificado através dos tempos ainda servem como base para muitas situações no que se refere aos estudos de geografia.

A relação homem-natureza na perspectiva da paisagem, era tratado como um o tema central da discussão dos filósofos e grandes cientistas da época, a qual estas reflexões em relação ao homem-natureza eram ainda de ordem muito geral e continham problemáticas muitos diferentes que, por sua diversidade, não permitiam reconhecer a especificidade do domínio disciplinar geográfico, mas mesmo assim ainda contribuiu para outros estudos e outros discursos que ajudaram no desenvolvimento de outras teorias.

O aparecimento de intelectuais, que buscaram concepções preocupadas com o método, e a organização lógica do saber ajudou na sistematização da geografia científica. Contudo, Humboldt foi um desses intelectuais que buscou através de suas narrativas e obras criar um pensamento próprio que resultou em uma referencia para outros autores da geografia.

Neste contexto, houve o surgimento de diversas concepções e abordagens que deram ênfase a dualidade geográfica e caracterizou a geografia da época como naturalista, ou seja, uma geografia caracterizada pelo estudo da terra em seu conjunto, em sua totalidade e das manifestações das diversas situações sendo a disciplina capaz de estabelecer a relação lógica entre o todo e suas partes.

Foi um período onde houve uma manifestação da cultura francesa ocasionado do século das luzes e das ideias revolucionárias e de um discurso bem diferente das concepções da geografia alemã, que teve como grade destaque a intensa rivalidade entre a Alemanha e a França, apesar disso, existia um pensamento normativo para descrever as relações homem-meio através de ideias novas como novas tendências e novos legados.

Com o passar do tempo, o surgimento de novas tecnologias, mudanças consideráveis e diferentes tipos de atividades da sociedade mundial, levaram inúmeros estudiosos (pesquisadores) a refletir e buscar novas possibilidades teóricas e metodológicas. Assim os aportes tradicionais e o positivismo não respondiam mais a necessidade do novo mundo pós-guerra, a necessidade de romper com paradigmas tradicionais.

Com isso conclui-se que essa dinâmica dual faz parte do início da identidade geográfica na busca de um objeto de estudo e os diferentes discursos mostram que sempre houveram mudanças, isso porque a geografia sempre se caracterizou por ser objeto de grandes discussões ao longo dos tempos.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRADE, M. C. **Geografia: ciência da sociedade: uma introdução a análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987.

GOMES, P. C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: ed. Bertrand Brasil, 1996.

HARTSHORNE, R. **Propósitos e natureza da geografia**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1978.

MORAES, A. C. R. **A gênese da geografia moderna**. São Paulo: Hucitec: Annablume, 2002.

\_\_\_\_\_. **Geografia, pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1981.

MOREIRA, R. **O pensamento geográfico brasileiro**, vol. 1: as matrizes clássicas originárias. 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Unesp, 2004.